

O fim do turismo?



Ilustração: Camilla Perkins

A pandemia devastou o turismo global e muitos irão dizer “bons ventos os levem” a cidades sobrelotadas e maravilhas naturais repletas de lixo. Haverá forma de reinventar uma indústria que causa tanto dano?

Por Christopher de Bellaigue
18 de Junho, 2020

Acedido em: <https://www.theguardian.com/travel/2020/jun/18/end-of-tourism-coronavirus-pandemic-travel-industry>

De todas as calamidades que afetaram os turistas quando o coronavírus se estabeleceu, destacaram-se as que envolviam cruzeiros. O contágio no mar trouxe um horror especial, à medida que os palácios de prazer se transformaram em prisões e rumores de infeções a bordo espalhavam-se pelas cabines via WhatsApp. Presos com os seus companheiros de viagem, os turistas viveram a angústia de serem vítimas e agentes de infeção, uma vez que vários de portos recusaram recebê-los.

Quando começou, a situação mortal no mar era vista como uma consequência do que muitos consideravam ser um problema chinês. O primeiro navio onde se registou um grande surto foi a Diamond Princess . Em meados de Fevereiro, 355 casos foram confirmados a bordo e o navio esteve em quarentena no porto de Yokohama. Na altura o navio representava mais da metade dos casos registados fora da China. Quatorze passageiros da Diamond Princess morreram do vírus.

O pesadelo no mar não terminou. Mesmo depois dos passageiros de mais de 30 cruzeiros aflitos serem autorizados a desembarcar e isolados em hospitais, hotéis em quarentena ou em voos de repatriamento, cerca de 100.000 tripulantes e funcionários permaneceram presos no mar, alguns em quarentena, outros impedidos de desembarcar até ao seu destino. O segundo drama levou a uma greve de fome em massa - por 15 tripulantes romenos na costa da Flórida - e a uma intervenção policial para conter distúrbios num navio em quarentena no porto alemão de Cuxhaven. Recentemente, no 1º de junho, tripulação e equipe a bordo de mais de 20 navios de cruzeiro abandonados na baía de Manila supostamente suplicavam por ter autorização para desembarcar.

Os cruzeiros tornaram-se um símbolo das consequências que o coronavírus infligiu ao turismo. Um setor que até janeiro valia US \$ 150 bilhões, segundo a própria estimativa, estava a reduzir empregos, emitia dívidas e tentava simplesmente para sobreviver. Mas mesmo antes da crise atual, o cruzeiro tornou-se sintomático dos danos que o turismo causa no mundo.

O turismo é uma indústria incomum, pois os ativos que prospera com- uma paisagem, um recife, uma catedral. As empresas de cruzeiros dominantes do mundo - Carnival, Royal Caribbean e Norwegian - pouco pagam pela manutenção dos bens públicos de que vivem. Abrigando-se em paraísos fiscais com leis ambientais e trabalhistas – como no Panamá, Libéria e Bermuda - as três grandes empresas de cruzeiros, responsáveis por três quartos da indústria, desfrutam de baixas impostas evitam muita legislação e regulamentação irritante, enquanto poluem o ar e o mar, erodindo as costas e despejando dezenas de milhões de pessoas em pitorescos portos de escala que muitas vezes não conseguem lidar com eles.

O que vale para os cruzeiros, vale para a maior parte da indústria de viagens. Durante décadas, um pequeno número de reformistas preocupados com o meio ambiente do setor tentou desenvolver um turismo sustentável que cria empregos duradouros e minimiza os danos causados. Mas a maioria dos grupos hoteleiros, operadores turísticos e autoridades nacionais de turismo - qualquer que seja seu compromisso declarado com o turismo sustentável - continua a priorizar as economias de escala que inevitavelmente leva a que mais turistas paguem menos e pressionam outros mesmos ativos. Antes da pandemia, os especialistas do setor previam que as chegadas internacionais aumentassem entre 3% e 4% em 2020. Esperava-se que os viajantes chineses, o maior mercado e que mais rapidamente cresce a nível mundial no sector turístico, fizessem 160 milhões de viagens ao exterior, um aumento de 27% em relação ao ano anterior comparativamente com 2015.

O vírus proporcionou uma imagem, ao mesmo tempo assustadora e bonita, de um mundo sem turismo. Vemos agora o que acontece com os bens públicos quando os turistas não estão agrupados à porta. As linhas costeiras desfrutam de uma pausa na erosão causada por cruzeiros. Caminhantes presos em casa não podem poluir as montanhas. Culturas culinárias complexas não são mais ameaçadas por triângulos de pizza descongelada. É difícil imaginar uma ilustração melhor dos efeitos do turismo do que as nossas férias atuais longe dele.

O coronavírus também revelou o perigo de dependência excessiva do turismo, demonstrando de maneira brutal o que acontece quando o setor que apoia uma comunidade inteira, à custa de qualquer outra atividade mais sustentável, entra em colapso. A 7 de maio, a Organização Mundial de Turismo da ONU estimou que os ganhos com o turismo internacional poderiam cair 80% este ano, contra US \$ 1,7 bilhão no ano passado, e que 120 milhões de empregos poderiam ser perdidos. Como o turismo depende da mesma mobilidade humana que espalha doenças e estará sujeito às restrições mais rigorosas e duradouras, é provável que sofra mais do que quase qualquer outra atividade económica.

À medida que o impacto do turismo no mundo se aprofundou, a economia global passou a depender disso. Agora, após o congelamento imposto a viagens ao exterior - inimaginável há seis meses atrás - temos uma rara oportunidade de acabar com este ciclo destrutivo e fazer as coisas de maneira diferente.

Acusações de que está a estragar o planeta, a indústria do turismo responde com um argumento económico: um em cada 10 empregos no mundo depende disso. Os governos tendem a gostar do turismo, porque cria empregos e gera bastante dinheiro estrangeiro.

Um advogado do setor com quem conversei citou Lelei Lelaulu, uma empreendedora de desenvolvimento que, em 2007, descreveu o turismo como “a maior transferência voluntária de dinheiro dos ricos para os pobres, os 'que têm' para os que 'não têm' na história”. Mesmo que se permita um considerável “vazamento” - pelo qual grande parte dos gastos dos turistas não vai para o país de destino, mas antes para as agências de turismo estrangeiras, companhias aéreas e hotéis cujos serviços usam - não se pode negar que os australianos os gastaram liberalmente em Bali , Americanos em Cancun e chineses em Bangkok.

No final de janeiro, quando o fluxo de turistas chineses para a Europa secou, Melissa Biggs Bradley - fundadora da Indagare, uma empresa de viagens de luxo nos EUA e membro do conselho do Center for Responsible Travel - foi chamada por colegas italianos que a alertaram: “Roma está vazia. Não tem ideia de como isto será devastador.” Naqueles dias iniciais da crise, os analistas do setor procuravam precedentes tranquilizadores. Em 2009, a chegada de turistas internacionais caiu 4% em sequência da crise financeira global. No ano seguinte, a indústria voltou a crescer em 6,7%. Após uma série de ataques terroristas na Turquia em 2016, os turistas ficaram longe, mas a perda da Turquia foi o ganho da Espanha e a Costa Blanca viu um aumento na procura.



'Roma está vazia' ... a praça normalmente cheia em frente ao Panteão, em abril deste ano.

Fotografia: Giuseppe Fama / REX / Shutterstock

Rapidamente ficou claro que as comparações eram de pouca ajuda para compreender uma doença global sem cura. No final de março, Bernstein, uma das principais empresas de pesquisa, enviou uma nota aos investidores que substituíram uma avaliação anterior, apenas sombria, das perspectivas do setor hoteleiro por uma avaliação alarmista. “Apenas duas semanas atrás, considerávamos altamente improvável a queda de 80% da receita e agora adotámo-lo como a base”, dizia a nota. “Fomos ingênuos!” E isto antes das taxas de ocupação em Espanha e na Itália atingirem o limite de 5%.

O turismo representa cerca de 15% do PIB espanhol e cerca de 13% do italiano. Por mais dolorosa que seja a sua perda para as economias mais diversificadas do sul da Europa, é fatal para as dependências do turismo, como as Maldivas , onde o turismo contribui com cerca de um

terço do PIB, ou para destinos emergentes como a Geórgia, onde o número de visitantes tem mais do que quadruplicou na última década.

Em abril, Edmund Bartlett, ministro do Turismo da Jamaica - onde o setor gera mais de 50% da moeda estrangeira da ilha - lamentou o facto de ter havido “zero chegadas ao aeroporto de Montego Bay, zero chegadas ao aeroporto de Kingston e zero convidados” em hotéis ... além das 300.000 pessoas que estão sem emprego, porque todos os sistemas de transporte que sustentam o turismo estão parados, [porque] os agricultores que apoiam o turismo não têm onde vender as colheitas, [porque] as atrações... estão fechadas .”

Todo o dinheiro que a indústria gera, uma das consequências de permitir que um lugar seja ocupado pelo turismo é a maneira como distorce o desenvolvimento local. Os agricultores vendem as terras às cadeias de hotéis, apenas pelo preço das culturas que estão a crescerem. A água é desviada para os campos de golfe, enquanto que falta para os moradores. A estrada é pavimentada até o parque temático, não a escola. Na subordinação de uma economia a um motor externo poderoso, caprichoso, a dependência do turismo tem algo em comum com a dependência da ajuda que observei como repórter no Afeganistão após a invasão de 2001. Nos dois casos, a pior ameaça é a possibilidade de retirada súbita.

Biggs Bradley identificou alguns lugares “pequenos e vulneráveis” que serão devastados, como as ilhas do Pacífico que recentemente se tornaram populares entre os operadores de excursões de mergulho. "Foram possibilitadas pelo aumento fenomenal nas novas rotas aéreas dos últimos anos", apenas para que os aviões parassem de voar, deixando para trás a dívida e o desemprego.

Tsotne Japaridze, cuja agência de viagens Traffic Travel organiza férias de aventura na Geórgia, Azerbaijão e Armênia, descreveu o impacto que o vírus teve nos seus negócios e àqueles que dependem dele. Japaridze emprega três pessoas a tempo inteiro, contrata 15 guias e motoristas durante o verão e envia grupos de excursão para 30 enoturismos, pensões e casas particulares em todo o país. A sua empresa pode ser vista como um poderoso núcleo de receita que suporta centenas de pessoas. No início da crise, Japaridze colocou os funcionários em layoff ("Foi uma decisão difícil, mas eu não tinha opção", disse ele). À medida que o turismo desapareceu, a procura explodiu por serviços que não exigem que os clientes saiam de casa. Um dos ex-guias de Japaridze, que costumava levar grupos turísticos à bela região de Svaneti, na Geórgia, agora está sobrevive a fazer entregas na sua moto.

Se um perigo da dependência do turismo é que os turistas podem parar de chegar repentinamente, um problema mais comum é o turismo excessivo - a saturação de um destino pelos visitantes em números que não podem sustentar. Perto do pico da pandemia, falei por Zoom com Jane da Mosto, cuja ONG, We Are Here Venice , luta para manter o lugar mais nocivo e super-turístico da terra num lugar tolerável para se viver.

Enquanto cortava legumes para o jantar em família, Da Mosto confessou um certo desconforto com a justaposição do apocalipse nos hospitais italianos e as cenas de serenidade e silêncio observáveis da sua janela. As pontes estavam vazias e os cavalos-marinhos caíam no Grande Canal, enquanto os vendedores ambulantes de massa fálca tinham sido substituídos por gondolas que entregavam tortellini caseiro aos moradores da cidade.

Quando Da Mosto saiu de vista para ver as batatas, a sua posição foi ocupada pelo filho de 19 anos, Pierangelo. Ele trabalha como carpinteiro e restaurador dos famosos barcos da cidade, enquanto também se envolve no turismo mostrando “Veneza de uma perspectiva veneziana”.

Um veneziano que reconhece a importância do turismo, Pierangelo e os seus amigos - designers, estudantes, colegas carpinteiros - discutiram a vida após o vírus, quando, com menos visitantes, enfrentariam uma quebra acentuada na população, rendimento e seriam obrigados a compensar o défice acumulando com negócios com os residentes locais.

E perguntei como se sentia quando está no canal Giudecca e vê um navio de cruzeiro ao seu lado.

"Pequeno", Pierangelo sorriu. "Muito pequeno."



Veneza, junho de 2019
Foto: Miguel Medina / AFP / Getty

Se não fosse o turismo, grande parte da arquitetura gótica de Veneza ter-se-ia degradado ou reconstruído à anos. Mas enquanto a indústria do turismo forneceu grande parte da lógica económica para a preservação da arquitetura da cidade, o poder foi entregue a investidores em hotéis, restaurantes e barcos, muitos deles de fora para quem Veneza era simplesmente uma oportunidade de negócio. A 15 de julho de 1989, a indústria musical global comandou a cidade para um concerto gratuito, cuja memória ainda é hoje negativa por parte dos venezianos. Cerca de 200.000 pessoas de toda a Europa reuniram-se naquele dia na Piazza San Marco, o núcleo espiritual e estético da cidade, algumas enchiam barcos no mar, para ver o Pink Floyd na etapa final da tour mundial.

Os vereadores de Panicky discutiram quase até há hora de abertura do Shine on You Crazy Diamond sobre se o espetáculo se deveria realizar. No final, a banda concordou em diminuir os decibéis e encurtar a lista de reprodução para se ajustar às programações globais de TV, enquanto o comércio local da praça vendia cerveja quente pelo triplo do preço aos fãs que descobriram tarde demais que autoridades não tinham providenciado um única casa de banho. Na manhã seguinte, as famosas lajes velhas estavam cobertas por latas, beatas e poças de urina.

Como exemplo do turismo espezinhar o bem público, é difícil vencer a invasão do centro medieval da cidade por 200.000 pessoas que não pagam qualquer taxa de entrada e deixam a cidade para limpar o lixo que produziram. Uma reportagem da TV italiana descreveu o espetáculo como uma violação dos direitos humanos, “os dos invasores e os dos invadidos”. As críticas ao conselho da cidade eram tão forte que os membros renunciaram.

Muito antes da invasão dos fãs de rock, os moradores abandonavam a cidade. Entre 1950 e 2019, a população de Veneza caiu de cerca de 180.000 para 50.000, enquanto que o número de visitantes anuais aumentou de 1 para 30 milhões. De acordo com Jan van der Borg, especialista em turismo que ensina na Universidade Ca 'Foscari de Veneza, e assessora de autoridades de turismo em toda a Europa, diz que excede a "capacidade" da cidade, e que o número que pode acomodar turistas sem danificar permanentemente a sua infraestrutura e modo de vida, é de 10 milhões.

Seja o proprietário de uma gôndola que mora longe e designa alguém para remar os turistas pelos canais lotados, ou as companhias aéreas que depositam milhares de turistas todos os dias numa área com apenas 1.5 do tamanho do Central Park de Nova York, nas palavras de Da Mosto, "um grande número de pessoas vive de Veneza sem viver nela".

E, diz Van der Borg, que os turistas são do tipo errado. Cerca de 70% são excursionistas, que depois de serem "cuspidos no autocarro de turismo, navios de cruzeiro e aviões", passam algumas horas a congestionar o coração histórico de Veneza "mas sem contribuir para a sua manutenção". Depois de partir com talvez € 15, o suficiente para comprar uma lembrança fabricada a milhares de quilômetros de distância, são conduzidos apressadamente pelo guia para o próximo destino.

De acordo com o pensamento elitista de Van der Borg e de outros no setor, excursionistas de “alto impacto e baixo valor” devem ser menos bem-vindos do que os viajantes independentes ricos que ficam num hotel, comem nos restaurantes do bairro e talvez acabem o dia nas igrejas menos conhecidas da cidade com um bellini no Harry's Bar. A cada passo, segue-se esta linha de raciocínio: turistas de “qualidade” contribuem para o bem-estar da cidade através de impostos, gorjetas e interação humana.

E os pacotes de férias? De acordo com um relatório de tendências do Reino Unido da Abta em 2019, as pessoas que consideravam as próximas férias no exterior procuravam, acima de tudo, gastar menos.

Nos últimos 10 anos, a maldição da “Venetianização” - o esvaziar de um lugar, como se enche formigas turísticas - assolou cidade após cidade, enquanto que as companhias aéreas low cost e o Airbnb possibilitaram um fim de semana algures ao alcance de milhões. Isto não significa apenas destinos estabelecidos há muito tempo, como Veneza ou Paris, mas cidades costeiras sonolentas como o Porto, na costa atlântica de Portugal, que estavam completamente despreparada para o número de turistas desencadeados.

A reação pode ser datada a julho de 2015, quando o conselho da cidade de Barcelona - cujo famoso passeio marítimo, La Rambla, ficou praticamente intransitável pelo grande número de turistas - introduziu uma moratória em novos hotéis. No ano seguinte, o Airbnb recebeu uma multa de 600.000 € por apresentar propriedades não licenciadas – pouca água para uma empresa cujas receitas de um único trimestre ultrapassam US \$ 1 bilhão, mas um sinal de crescente hostilidade em relação a um setor que poderia tornar uma cidade irreconhecível para os residentes num curto espaço de tempo.

No ano passado, o presidente da câmara de Dubrovnik - cuja cidade velha perfeitamente preservada foi invadida pelos visitantes depois de aparecer na adaptação da série Game of Thrones - fechou 80% das lojas de souvenirs que entupiam o centro da cidade e impôs uma cota aos excursionistas e cruzeiros. A cidade belga de Bruges, recentemente, limitou o número de cruzeiros atracados e interrompeu toda a publicidade destinada a excursionistas.

Obviamente, há um custo financeiro para limitar o turismo. Como Fermín Villar, o presidente dos Amigos de La Rambla, que representa os interesses dos residenciais e comerciais da rua, disse ao Guardian há dois anos: “La Rambla é acima de tudo um negócio ... todos os anos, mais de 100 milhões de pessoas passeio nesta rua. Imagine - ele entusiasmou - se cada pessoa gastar apenas € 1. Mas o turismo de massas desloca outras empresas, enquanto o êxodo de muitos residentes criativos e produtivos, bem como a pressão colocada nas infraestruturas locais pelos visitantes em tais números, tem um custo próprio. Da Mosto comentou, em termos puramente económicos, Veneza é um perdedor líquido de um setor que instalou as suas instalações na cidade e remete grande parte das suas receitas para outro lado.



La Rambla em Barcelona em 2009.
Fotografia: JLIimages / Alamy

Por trás das recentes campanhas contra o turismo excessivo, há uma crescente apreciação de que os bens públicos que se supunha serem infinitamente exploráveis são, de fato, finitos e têm um valor que o preço de visitá-los deveria refletir. O “poluidor-pagador” é um princípio económico que está gradualmente a ser introduzido na agricultura, manufaturas e energia. A ideia é, se uma empresa produz efeitos colaterais prejudiciais ao ambiente, ela mesma é responsável por os atenuar. Algo semelhante, incorporando não apenas danos ambientais, mas também uma degradação cultural mais ampla ou danos à qualidade de vida, pode ser o princípio de uma indústria do turismo adequadamente sustentável. Atualmente, o foco é centrado nos impostos turísticos, que visam reduzir o número de turistas e, ao mesmo tempo, gerar mais receita.

É necessária uma certa agilidade para as empresas que lucram com o turismo, mas não querem ser vistas como cegas às suas consequências. A editora de guias Fodor's publica uma "lista sem lista" anual de destinos que as pessoas devem abster-se altruisticamente de visitar. A lista deste ano apresenta a Ilha de Páscoa e o complexo de templos de Angkor Wat. Enquanto isso, a Fodor's também promove "vinte e cinco lugares para ver nos EUA antes de morrer". Essa lista inclui Big Sur, uma parte da costa californiana que foi recentemente enfeitado com uma faixa com a inscrição "O turismo excessivo está a matar Big Sur".

À distância vê-se o Monte Quênia a partir de água com um pequeno azul do cloro no mato africano pode parecer uma forma de enfrentar a crise, mas a piscina infinita no acampamento de Loisaba, uma das três lojas de safáris em uma reserva de 23.000 hectares de florestas, não vê um mergulho há meses. Menos de um mês depois dos voos para o país terem sido suspensos a 25 de março, o CEO da Loisaba, um veterano do Quênia chamado Tom Silvester, confessou-me que tinha dispensado 90 funcionários, "e com cada posto de trabalho a suportar até 10 dependentes, tem um grande impacto".

Os danos causados pelo colapso da indústria do turismo no Quênia, avaliada em US \$ 1,6 bilhões e emprega 1,6 milhões de pessoas, são assustadores. Depois de fechar 24 propriedades em todo o leste da África, a Elewana, empresa hoteleira que opera os três alojamentos de Loisaba, está a usar economias para apoiar os 2.000 funcionários e suas famílias. O site de outra reserva, o Nashulai, tem um pedido de doações para combater a fome entre as comunidades que dependem dela.

Enquanto em muitos lugares reduzir o número de turistas pode ser a única maneira de restaurar um mundo natural e saudável, em países onde a indústria do turismo se concentra no meio ambiente, o oposto pode ser verdade. Quando sugeri a Karim Wissanji, CEO da Elewana, que a melhor maneira de conservar a vida selvagem da África poderia ser para os seres humanos migrarem para as cidades e deixá-las em paz, ele replicou: "O futuro da nossa vida selvagem e os seus habitats estão intrinsecamente ligados ao futuro da indústria de safaris. "

Três quartos dos 2 milhões de turistas estrangeiros que vieram para o Quênia no ano passado vieram para a vida selvagem. Se não fosse o turismo, muitas das 160 reservas privadas que fornecem corredores vitais para a migração de animais e a capacidade de pastagem nos parques nacionais do país voltariam a ser locais de caça ou seriam utilizados para a agricultura industrial, ameaçando uma das maiores concentrações de vida animal no mundo. A competição por pastos, especialmente durante os períodos de seca, intensificou num conflito de longa data entre as necessidades das comunidades locais e a fauna silvestre única da região. Como Paula Kahumbu, CEO da organização de conservação Wildlife Direct, escreveu no Guardian, "a maioria dos jovens quenianos vê a vida selvagem como irrelevante, algo que beneficia alguns visitantes ricos ou proprietários de terras brancas". Na sequência de violentas incursões em quintas e parques de vida selvagem ao longo dos anos, o turismo procurou soluções para apoiar diretamente a população local.

A perda de rendimento causada pela pandemia pode ainda originar um desastre. A 21 de abril, a Conservation International, uma instituição de caridade dos EUA que protege áreas de biodiversidade excepcional, relatou que houve um "aumento alarmante de caça e de caça ao marfim no Quênia". A Loisaba só conseguiu manter patrulhas contra a caça furtiva graças a uma doação da The Nature Conservancy, outra instituição de caridade que financia e dá conselhos científicos para projetos de conservação em todo o mundo.

Habitualmente trabalha com menos de 40% de ocupação, com apenas 48 camas, pode ver Loisaba como uma resposta de alto valor e impacto positivo para a expulsão diária de milhares

de passageiros de cruzeiros no centro da cidade de Veneza. Ao pagar US \$ 700 por dia para desfrutar da companhia de elefantes, girafas e vários pássaros e mamíferos, os visitantes de Loisaba estão efetivamente a pagar para proteger a vida selvagem de intervenções humanas mais intrusivas. Segundo Matthew Brown, diretor da The Nature Conservancy na África, o turismo que “contribui de maneira tangível para os resultados da conservação” é “a melhor maneira de financiar a biodiversidade. Sem ele, a ideia de que se pode proteger os animais e ajudar a população local rapidamente se desfaz.”

Toda a riqueza que os estrangeiros geram para Loisaba, a reserva carece da diversidade de clientes que é um ingrediente dos negócios turísticos mais resilientes. O turismo de Bush em geral atrai muitos poucos da crescente classe média do Quênia - enquanto que o alto custo de vida mantém muitos em casa, os que viajam de férias costuma ir para a costa.

A possibilidade de atrair clientes locais permitiria que as reservas de caça do país recuperassem mais rapidamente quando as atuais restrições de viagens terminarem - o que acontecerá para turistas africanos mais cedo do que para aqueles que vêm de lugares distantes. Em abril, o ministro do turismo do Quênia, Najib Balala, pediu uma “mudança de paradigma” em favor do mercado doméstico e pan-africano. "Não se trata mais de esperar a chegada de visitantes internacionais", disse. "Se começarmos agora, em cinco anos seremos resilientes a qualquer tipo de adversidade, até conselhos de viagem impostos pelos países ocidentais".



Turista filmam gorilas de montanha no Parque Nacional dos Vulcões em Ruanda, 2005.
Foto: Riccardo Gangale / AP

Uma recuperação tão rápida é improvável para as estrelas tradicionais do turismo de conservação, os gorilas que estão espalhados pelos parques nacionais de Ruanda, Uganda e República Democrática do Congo. Depois de estarem perto da extinção na década de 1980, os números recuperaram graças a um esforço internacional e resgate financiado em parte pelo turismo de primeira linha. (Os visitantes americanos gastam uma média de cerca de US \$ 12.000 por viagem.) Em 2016, o governo ruandês dobrou para US \$ 1.500 a taxa que os turistas devem pagar por uma única hora com os primatas. Esta medida teve o efeito milagroso de aumentar a

receita de US \$ 15 milhões para US \$ 19 milhões - parte desse dinheiro destina-se a pagar guardas florestais e financiar projetos locais de assistência social - enquanto reduz o número de visitantes que percorrem seu habitat no Parque Nacional dos Vulcões, de 22.000 para 15.000.

Agora que as fronteiras do país estão fechadas e os turistas estrangeiros ricos não voltam há meses, será necessária uma nova estratégia de conservação. Do ponto de vista ambiental, o perigo imediato é que os grandes macacos apanhem o coronavírus. O desafio a longo prazo é protegê-los de um aumento na caça furtiva por carne de gorila e de serem apanhados por armadilhas para antílopes.

Em junho, Sheba Hanyurwa, que gere uma empresa de turismo em Uganda e Ruanda, disse que, nos últimos anos, as receitas do turismo permitiram uma certa diversificação econômica. Os salários relativamente altos dos guardas florestais e guias permitiram que suas comunidades mantivessem vacas e galinhas para uso próprio. Durante a crise, os governos de Uganda e Ruanda mantiveram patrulhas frequentes nos parques nacionais - com maior sucesso do que a RDC, onde 12 guardas florestais foram mortos recentemente no Parque Nacional de Virunga. Hanyurwa revelou: "Trabalhadores e rececionistas de hotéis foram demitidos e as pessoas estão com fome. O único meio de sobreviver aqui é o através do turismo e não haverá turistas internacionais pelo menos até o próximo ano."

Covid-19 expôs a falha no modelo de turismo de elite. Não há plano B.

Nem todo o turismo baseado na natureza é bom para a natureza em que se baseia. À medida que a noção ambiental cresce, muitas empresas adotam termos de bem-estar, como "ecologicamente corretos" e "ecológicos" - embora, nas palavras de um órgão que avalie a sustentabilidade do turismo, "as experiências que vendem não são nada disso". Alguns viajantes não percebem que voar pelo mundo para se sentarem numa cabana numa árvore cortada ilegalmente não é tão ecológico quanto o seu feed do Instagram aparenta. Outros recusam o custo de serem bons. De acordo com uma pesquisa realizada pela empresa de viagens Tui em 2017, enquanto 84% dos turistas europeus consideram importante reduzir sua pegada de carbono, apenas 11% estão dispostos a suportar os custos adicionais de férias sustentáveis.

Entre as nações que, nos últimos anos, tentaram desenvolver o turismo da vida selvagem, está a Indonésia, onde reside o maior lagarto do mundo, o dragão de Komodo. No ano passado, o governo anunciou um plano para transformar a cidade de Labuan Bajo, atualmente ponto de acesso às inúmeras ilhas do parque nacional de Komodo, em um dos 10 principais destinos turísticos. O projeto do governo é denominado "10 novos Bali".

A ideia não é aliviar a pressão turística na ilha de Bali, para a qual está projetado um grande aeroporto, mas estimular o sucesso em atrair milhões de turistas todos os anos para férias low cost. No processo, a combinação de praias agitadas do Bali, a crescente escassez de água e montanhas de lixo também podem ser replicadas nos outros 10 destinos. "O que antes era uma pequena vila de pescadores está agora sobrecarregado, em expansão e a construção ininterrupta de restaurantes e hotéis", relatou um correspondente da CNBC em visita a Labuan Bajo em janeiro.

Entre 2008 e 2018, o número anual de visitantes do parque nacional de Komodo aumentou de 44.000 para 176.000. Uma grande atração, além da própria natureza, é o preço. Depois de voar por US \$ 50 do Bali para o novo aeroporto de Labuan Bajo, fui informado por Glenn Wappett, um ex-soldado britânico que comanda iates no leste da Indonésia: "pode ficar num albergue e pegar um barco para ver os dragões e ainda assim consegue troco de uma nota de US \$ 100". Isto inclui a taxa de entrada de aproximadamente US \$ 12 no parque. A Lonely Planet nomeou

a cadeia de ilhas que inclui Komodo como o seu "melhor destino" para 2020. (Antes do editor do guia ser atingido pelo bloqueio global e suspender a maioria das atividades comerciais em abril).

A preferência da Indonésia pelo turismo de massas tem sido apoiada pelos 2 milhões de jovens no mercado de trabalho cada ano. Mais turistas significa mais empregos. Afinal, mesmo que os gastos per capita sejam baixos, um grande número de visitantes precisa de mais serviços de mesa, taxistas e guias marítimos do que meia dúzia de extravagantes.



Dragões de Komodo na Indonésia.

Foto: Alamy

À medida que o número de visitantes nas ilhas aumenta, a população de dragões diminui. As práticas de acasalamento foram interrompidas pelos turistas, enquanto que a caça furtiva de veados acabou com a sua principal fonte de alimento e a extração de madeira destruiu o seu habitat. Em 2018, Viktor Bungtilu Laiskodat, governador da província de East Nusa Tenggara, onde fica o parque, defendeu o aumento da taxa de entrada para US \$ 500, com o objetivo de atrair turistas mais ricos, reduzir o número de visitantes e proteger os lagartos. Em março de 2019, depois de contrabandistas roubarem mais de 40 dragões do Komodo, o governo anunciou que a ilha de Komodo, que conta com cerca de 1.700 lagartos gigantes, fecharia durante todo o ano de 2020 para permitir que os répteis e os veados recuperarem.

Mas as tentativas do governador em conservar a principal atração da região fracassaram muito com muitos dos habitantes que vivem do turismo. "Houve uma enorme reação de empresas de mergulho, hotéis e restaurantes", lembrou Wappett. Eles exigiram a permissão de turistas em Komodo e, em outubro, o governo nacional anulou o plano inicial.

O vírus está a ter sucesso onde o governador de East Nusa Tenggara falhou. A entrada no Parque Nacional de Komodo foi interdita a todos, exceto às comunidades de pescadores que lá residem. Os dragões comem carne de veado e peixes, que, de acordo com os amigos de Wappett na área, regressam a número recentes.

Ainda assim, não é difícil imaginar o que acontecerá quando o turismo se tornar novamente viável. A 14 de abril, o ministro das Finanças da Indonésia previu que o coronavírus, congelando o comércio de turistas, poderia deixar 5,2 milhões de indonésios desempregados. A menos que algum caminho alternativo para a criação de empregos possa ser encontrado no futuro, assim que os voos recomeçarem, os turistas serão incentivados a regressar em massa e os dragões voltarão a estar ameaçados.

A 7 de maio, a Organização Mundial de Turismo da ONU sugeriu que a crise do coronavírus pressionaria tanto o setor que o progresso no sentido de tornar o turismo sustentável - principalmente reduzindo a sobrelotação e abordando as alterações climáticas - seria não apenas interrompido, mas revertido. De fato, desde o início da crise, as companhias aéreas e as empresas de cruzeiros têm pressionado bastante por incentivos fiscais e pelo levantamento de medidas ambientais.

Desde a gasolina às partículas que se espalham dos jetskis até os pesticidas usados nos campos de golf, todo o prazer inocente do turista parece outro duro golpe para o pobre e velho planeta. Depois, restam os excedentes de comida e os produtos químicos usados para lavar roupa após cada ocupação em uma das 7 milhões de propriedades registadas no Airbnb e o combustível cancerígeno expelido pelos navios de cruzeiro. E depois há as emissões de carbono. "O turismo é significativamente mais intensivo em carbono do que outras áreas de desenvolvimento económico", relatou um estudo recente na revista Nature Climate Change. Entre 2009 e 2013, a pegada de carbono global do setor cresceu para cerca de 8% das emissões globais de gases de efeito estufa, a maioria gerada pelas viagens aéreas. "O rápido aumento da procura turística", continuou o estudo, "está a superar efetivamente a descarbonização do sector".

Por mais destrutivo que seja, o vírus ofereceu-nos a oportunidade de imaginar um mundo diferente - no qual começamos a descarbonizar e a permanecer local. A ausência de turismo forçou-nos a considerar formas de diversificar a indústria e reduzir a dependência do carbono da aviação global.

Para Komodo na Indonésia, a alternativa envolve menos visitantes que pagam mais para visitar o parque nacional, enquanto que as comunidades vizinhas desenvolvem as indústrias de pesca e têxtil que os mantêm na atividade há séculos.

De forma mais ampla, o turismo deve ser avaliado não como uma fonte rápida de troca mas como uma parte integrada da economia de uma nação, sujeita ao mesmo planeamento e análise de custo-benefício que qualquer outro setor. Em lugares onde o turismo é muito dominante, escolhas têm de ser tomadas. Tudo precisa de acontecer em conjunto com esforços mais amplos para descarbonizar a sociedade.

Como a indústria internacional, o turismo significa nada menos do que o conjunto de atividades que vão desde a construção de motores na fábrica da Rolls-Royce em Derbyshire até cervejas no pub irlandês em Montego Bay. Nesta perspetiva global, não pode ser facilmente planeado ou controlado. Os governos municipais, estaduais e nacionais, têm a responsabilidade pela reforma. Alguns já começaram. O município de Barcelona, por exemplo, recuperou partes da cidade perdidas para férias; o governador de East Nusa Tenggara tentou colocar o dragão de Komodo fora de perigo. Tais instintos de acabar com os excessos do turismo por impostos e preços mais elevados precisam de ser adotados em todos os países.